

PLATÃO E ROUSSEAU: PRESCRIÇÕES À EDUCAÇÃO INFANTIL EM SEUS PRIMEIROS LIVROS

Luciano da Silva Façanha¹
Maria do Socorro Gonçalves da Costa²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas orientações descritas por Platão na *República*, especificamente nos livros II e III, sobre a educação modelar das crianças, no que diz respeito àquilo que entraria em suas formações iniciais ao visar o aperfeiçoamento do corpo e da alma. Bem como a forma normativa com que também o filósofo Rousseau, de maneira semelhante, na obra *Emílio ou Da Educação*, nos dois primeiros livros, argumenta em favor daquilo que se deve fazer e evitar à sua criança imaginária para que desenvolva e permaneça na educação natural. Embora estes filósofos estejam afastados pelo tempo, o tema da educação e da criança lhes é comum, bem como muito do que pensaram sobre isto, em muito se aproximam. Desse modo, primeiro, apresenta-se as ideias da *República* nos livros mencionados, depois, as referentes aos livros do *Emílio* e finalizando-se com as considerações finais.

Palavras-chave: Platão. Rousseau. Educação. Infância. Prescrição.

ABSTRACT

This article aims to present some guidelines described by Platão in the *Republic*, specifically in Books II and III, on the education model of children, with regard to what would be in your initial training to target the improvement of body and soul. As well as the normative form with which also the philosopher Rousseau, in a similar manner, in the work or *Emilio or Education* in templeton's first two books, argues in favor of what to do and avoid his imaginary child to develop and remain on the natural education. Although these philosophers are distanced by time, the theme of education and child they are common, as well as much of what they thought about this in very approximate. Thus, first, it presents the ideas of the *Republic* in the books mentioned, then the pertaining to books of *Emilio* and ending with the final considerations.

Keywords: Platão. Rousseau. Education. Childhood. Prescription.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bacharel em Direito pela Universidade Cidade de São Paulo e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente atua na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como professor Adjunto no Departamento de Filosofia (DEFIL); Coordenador do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade - Mestrado Interdisciplinar (PPGCult). E-mail: lucianosfacanha@hotmail.com.

² Possui graduação em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão (2008); Especialista em Filosofia Política, pela Universidade Federal do Maranhão. Mestra em Cultura e Sociedade/UFMA. Professor Assistente A - Universidade Federal do Maranhão - Campus VII; atua no Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau (GEPI ROUSSEAU-UFMA), vinculado ao CNPq. E-mail: maria.costah@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a educação da criança permeia o ideário filosófico. Com Homero e Hesíodo sendo as referências principais no período arcaico do pensamento grego, parece não haver diretamente um manual indicando aquilo que deveria ser repassado à instrução das mesmas. O próprio termo *Paideia* surge tempos depois, tendo dentre seus significados, o de educação de meninos.

É um tema recorrente porque faz parte da formação e vida do homem. Sendo abordada de diferentes maneiras ao longo da história humana e da história da filosofia. Vários são os filósofos os quais discutiram acerca do mesmo. Alguns escreveram verdadeiros tratados a esse respeito. Na antiguidade clássica, Platão³ (427-347 a.C), foi um dos mais importantes filósofos a escrever algo assim. A *República*⁴, o diálogo sobre a justiça, trata, na sua grande extensão a respeito da educação da criança, do homem e do cidadão.

Já na modernidade, no auge da efervescência intelectual, o Iluminismo, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), retoma a temática e apresenta um projeto educacional diferenciado o qual causaria uma reviravolta nos preceitos educativos de sua época, ao apresentar uma educação de tipo negativo tendo como protagonista uma criança imaginária traçando para ela, um modelo educativo que vai do momento de seu nascimento até a idade adulta⁵, por volta dos vinte e cinco anos. Este projeto é o *Emílio ou Da Educação* composto por cinco livros, cujos dois primeiros tratam, dentre outros temas, da primeira e fundamental formação educativa daquela criança.

De modo que é possível observar, por meio da leitura destas duas obras, como cada autor, à sua maneira, propõe determinadas prescrições à educação infantil. Platão, por modelos e Rousseau, de forma mais normativa.

³ Segundo Gilda Naécia de Barros, Platão tem sido destacado como um exemplo de filósofo preocupado com a educação e especialmente voltado para um esforço reflexivo nesse domínio (BARROS, 1995a, p. 129).

⁴ A *República*, um dos mais significantes diálogos de Platão, é constituído por dez livros, e, embora seja uma obra a tratar a respeito da justiça e da cidade justa, o tema da educação subiste do primeiro ao último livro. Sendo quase impossível falar desta obra sem mencionar esta temática. Mesmo Rousseau, na modernidade, ao escrever o *Emílio ou Da Educação* a considera um dos mais belos tratados sobre a mesma.

⁵ Rousseau afirma que seu aluno aprenderá, em primeiro lugar, a ser homem, sendo o viver, o ofício que lhe quer ensinar.

Platão é um dos primeiros filósofos clássicos a objetar sobre o conteúdo das obras dos poetas⁶ e daquilo que não se deveria tomar de exemplo para educar as crianças, em sua *República*. A objeção surge no contexto de criação da cidade ideal platônica, no momento em que Sócrates, Glauco e Adimanto discutem sobre qual a melhor educação dos guardiões desta cidade⁷, após terem configurado a constituição das duas primeiras cidades: a dos porcos e a do luxo.

Na busca para edificar a cidade ideal ou justa⁸, entra em análise tudo aquilo que a constituirá e a educação é uma das principais preocupações da conversa dos três interlocutores. Por ter a justiça como pano de fundo dessa cidade, Sócrates deixa de lado as discussões correntes como a que teve com Trasímaco e Céfalo e se admite tratá-la como algo bem mais complexo e completo, por acreditar que a projeção da justiça vai dos grandes aos pequenos caracteres, ou seja, os pequenos caracteres sinalizam os indivíduos e suas ações, ao passo que os grandes caracteres dizem respeito à cidade como algo maior. Em outras palavras, Platão aspira que a justiça em cada indivíduo e sua respectiva classe, seja vista na estrutura e funcionamento da cidade, como uma espécie de reflexo⁹. É necessário, pois, que a justiça em seu aspecto mais amplo (na cidade) seja suspensa na discussão e seja, primeiro, analisada no seu aspecto particular (no indivíduo) (A República, 368d).

A necessidade de guardiões surge com o crescimento da cidade em construção, que por sua vez, exige se tratar de modo específico sua natureza e constituição, e requer, segundo Sócrates, maior acuidade e divagação, além do que os membros desta classe devem apresentar uma natureza apropriada. Surge, por conseguinte, nos livros II e III, as **prescrições**, entendidas como ordens expressas, regras e preceitos.

⁶ Os poetas são Homero, séc. VIII, a.C, autor da *Ilíada* e da *Odisséia* e Hesíodo, século VIII a.C, autor de *Os trabalhos e os dias* e *Teogonia*, ambos representam a formação literária da cultura grega no gênero.

⁷ Na *República*, Platão fala de três classes responsáveis pela cidade, os guardiões, os guerreiros e os artesãos, cada uma das quais desempenha sua função com a finalidade de que a cidade seja bem ordenada, assim como estes indivíduos o devem ser. A cidade é harmônica se, e somente se, também o forem seus habitantes. A classe dos guardiões é que recebe melhor descrição por ser a que dará origem ao rei-filósofo.

⁸ As cidades dos porcos e do luxo são as primeiras a serem discutidas no diálogo e o motivo pelas quais não se adéquam àquela que estão a fundar, qual seja, a cidade ideal ou justa.

⁹ “Para garantir essa futura harmonia, Platão estabelece modelos educativos. Isso fica bem claro no exame acerca da música e da ginástica e em sua aversão às inovações neste ensino” (BARROS, 1995a, p. 130). O brincar para a criança também é um ponto relevante no modelo educativo platônico, sobre o qual não nos atermos aqui.

Para que seja valente, perspicaz, animoso, ter um temperamento feroso e um instinto filosófico, forte e rápido, pergunta Sócrates – De que maneira é que hão-de criar e educar estes homens? A Saída é que se os eduquem em imaginação. Assim, lhes será possível assegurar a melhor forma de educá-los para este fim¹⁰. Inicia-se com esta prerrogativa, aquilo que deve e o que não deve compor o ideário educativo prescrito às crianças como futuros guardiões da cidade perfeita porque justa. Embora esteja inclusa nessa forma de educar principalmente os guardiões, todos aqueles que irão habitá-la serão educados segundo suas necessidades e aptidões.

Platão não nega a educação tradicional empreendida por meio da música e da ginástica aos jovens atenienses e que será a mesma, a base formativa da educação na República. No entanto, propõe-se, para esta, que sejam revistas aquilo que da música e da ginástica poderia comprometer seriamente o comportamento das crianças que estão por educar. Sua análise e determinação consistem, assim, em eliminar ou corrigir, das poesias aqueles trechos que não devem, de modo algum, ser ensinados seja pelas amas, seja pelos mestres ou pelas mães. Assim fazendo, prescreve que educação nestes termos, deve ser ensinada à criança desde pequena e antes da idade da razão para que tenham amoldadas a sua alma.

Jean-Jacques Rousseau, ao conceber, racionalmente, uma criança e sua educação, divide a vida desta em fases bem com aquilo que a mesma deve aprender ao mesmo tempo em que estimula que a mãe¹¹, a ama e o preceptor evitem certas manias, desejos e vontades fora da medida para que o pequeno Emílio, até seus doze anos de idade ainda possua sua constituição humana quase inalterada. Até essa idade, está em desenvolvimento aquilo que Rousseau denomina educação da natureza ou negativa, compreendida entre zero e doze anos.

¹⁰ “A formação do futuro cidadão implica um projeto de perfeição moral que, ultrapassando fins utilitários, não visa apenas à aquisição de informações e habilidades. Extrapolando o que chamamos propriamente instrução, seu projeto pedagógico, aspirando a um ideal de formação humana, abarca a vida do homem por inteiro. Iniciando-se desde os primeiros tempos de vida, alcança já a fase das brincadeiras, ou das *puerilidades*.” (BARROS, 1995a, p. 129).

¹¹ A posição de Rousseau em relação às mães desta época é extremamente a de estimular que amamente seus bebês, uma vez que a prática deste ato era escassa por motivos de vaidade. Muitas mães a evitavam por medo de terem os seus seios deformados e de seus esposos a desprezarem por isto. Para Rousseau, amamentar os bebês seria uma maneira de resgatar o amor dos filhos por suas mães e, conseqüentemente, pela pátria. A mãe e o pai são insubstituíveis na educação da criança, mas, dadas as circunstâncias, uma boa ama deve ser escolhida, bem como um bom preceptor na falta destes.

Embora este intervalo de idade se estenda do primeiro ao terceiro livro, as ideias aqui descritas, encontram-se nos dois primeiros livros da obra rousseaniana.

2. PLATÃO E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA PELA MÚSICA E PELA GINÁSTICA NOS LIVROS II E III DA *REPÚBLICA*

Tendo como preceito, a música para a alma e a ginástica para o corpo, inicialmente, o filósofo analisa a música e nesta, a harmonia, a literatura, o ritmo, algo que resultará numa melodia perfeita. Também, a música precede as fábulas, devido à incapacidade racional da criança em compreender o conteúdo destas porque as fábulas devem servir enquanto propuserem uma mentira útil e sirvam para amoldar o caráter anímico das crianças.

Ora, aquilo que deve ser ensinado às crianças diz respeito principalmente ao que se diz dos deuses e dos homens nas poesias. Como as grandes poesias eram cantadas, deve-se preferir àquelas que aliem harmonia, ritmo e palavras que contribuam para o desenvolvimento de uma alma bem ordenada, pois, se ambas não se efetivarem, tudo estará perdido. Nesse sentido, o cerne da educação pela música e pela ginástica, está no que se refere às palavras, pois são elas que devem adequar a harmonia e o ritmo para que alma assimile. Nestes termos, os trechos das poesias a não serem proferido são os que: em primeiro lugar, expressem lutas e intrigas entre os deuses para que aos futuros guardiões não seja incitado o ódio:

– Não se lhes devem contar ou retratar lutas de gigantes e outras inimizades múltiplas e variadas, de deuses e heróis para com parentes e familiares seus. Mas, se de algum modo queremos persuadi-los de que jamais um cidadão teve ódio a outro, nem isso é sancionados pela lei divina, é isto que deve ser dito, de preferência, às crianças, por homens, e mulheres de idade, e, quando elas forem mais velhas, também os poetas devem compelir-se a fazer-lhes composições próximas deste teor (A República, 378 c-d).

Como as primeiras histórias devem orientar para a virtude da alma, as poesias (épicas, líricas ou trágicas), devem mostrar um deus como essencialmente bom e não vingativo e raivoso; também o temor deve ser evitado, conforme ressalta o filósofo:

– E que, por sua vez, as mães, convencidas pelos poetas, não atemorizem os filhinhos, contando lhes histórias errôneas, de como certos deuses vagueiam de noite, com a aparência variada de estrangeiros ou forasteiros,

a fim de que, ao mesmo tempo, nem blasfemem contra os deuses, nem tornem os filhos mais medrosos (A República, 381e).

Quanto a serem corajosos, deve-se evitar das poesias, as partes lamentosas e que expressem medo, principalmente com relação à morte, como as que seguem, presentes na *Ilíada* e na *Odisseia*, respectivamente:

Como o fumo, a alma partira para debaixo da terra, saltando um pequeno gemido;
Tal como os morcegos no recesso de espantosa gruta esvoaçam aos gritos, quando algum cai da fila suspensa da rocha, e se seguram uns aos outros, assim elas partiam juntas (A República, 387a).

Para exaltar a coragem, o certo é que mesmo nas lutas, nas discussões e no enfrentamento dos desafios, os guardiões sejam resistentes, mesmo que isso lhes cause dor, sofrimento¹². O riso também não deve fazer parte da educação dos pequenos, pelo simples motivo de que, aqueles que são amantes do riso, não demonstram seriedade e por não serem dignos de consideração, conforme destaca Platão (A República, 389a): – Por conseguinte, não é admissível que se representem homens dignos de consideração sob a ação do riso; e muito pior ainda, se se tratar de deuses.

Assim, todo discurso enunciativo dos interlocutores do diálogo platônico para a educação das crianças, relembra-se, principalmente àquelas destinadas ao ofício de guardião, têm seu princípio, naquilo que reforce as qualidades virtuosas e de caráter destas crianças. Nesse sentido, as partes escolhidas da poesia, devem ressaltar não o medo, mas a coragem, não o medo da morte, mas a ideia de que não seja uma coisa terrível e temível, não a intriga entre os deuses e parentes, mas a união, não o desequilíbrio emocional e os prazeres que põem a perder uma alma temperante, mas o autocontrole. Portanto, fraquezas, lamentos e desgraças, principalmente com relação aos deuses devem ser evitados a todo custo, pois nada pior e destruidor da alma¹³ guerreira e guardiã do que os exemplos de

¹² Pela análise de Gilda Naécia de Barros, Platão, “partindo do fato de que o homem busca o prazer e fogem da dor conforme as opiniões que tem a respeito deles, pensa que a educação deve administrar esses móveis da conduta humana, para já desde pequena a criança seja ensinada a fugir do vício e buscar a virtude.” (BARROS, 1995a, p. 134-135).

¹³ São partes da alma humana em Platão, a concupiscência, a irascível e a racional. Quando a racional orienta a parte concupiscível, surge a temperança; sobre a irascível, surge a coragem; a racional incidindo sobre si, surge a sabedoria. Cada pessoa possui estas partes em sua alma; é a educação quem deve contribuir para fazê-las surgir de maneira produtiva.

desobediência aos chefes, o descontrole se si mesmo, bem como a tendência para com a bebida e o amor.

Sobre os homens, adverte que também os poetas os retratam sempre da pior maneira possível para se tomar de exemplo, principalmente no que diz respeito à justiça e à injustiça. Só quando se analisa o estilo, é que pode se discutir suas ações, a partir da narrativa e do discurso narrativo, posto que narrar é diferente de imitar. A narrativa deve ser simples e sem imitação como a que apresenta Homero ao diferenciar a fala dele próprio e a fala de quem ele está a falar. O mais importante, nesse sentido, é que ao imitar, a preferência é que se imite o mais semelhante possível àquele que se imita e sua ação, em primeira pessoa para não perder o foco referencial da pessoa imitada. O objetivo último é o dito por Platão a seguir:

– Mas, quando ele profere um discurso como se fosse outra pessoa, acaso não diremos que ele se assemelha o mais possível o seu estilo ao da pessoa cuja fala anunciou?

– Diremos, pois não!

– Ora, tornar-se semelhante a alguém na voz e na aparência é imitar aquele a quem queremos parecer-nos?

– Sem dúvida (A República, 393e).

Portanto, a prerrogativa é para que sejam imitadas as narrações sobre o homem exaltando sua firmeza de caráter e em primeira pessoa. Logo, deve-se diferenciar o que em poesia, prosa, tragédia e comédia é narração e o que desta é imitação da narração. Fora isto, a imitação é ainda aceitável se versar sobre aquilo que os guardiões devem imitar desde sua infância, conforme já assegurado anteriormente. Em resumo, os guardiões só serão exímios imitadores, se e somente, de coisas que exultem seu bom caráter. Por isto, afirma Platão:

– Por conseguinte, se conservarmos o primeiro argumento, de que nossos guardiões, isentos de todos os outros ofícios, devem ser os artífices muito escrupulosos da liberdade do Estado, e de nada mais se devem ocupar que não diga respeito a isso, não hão-de fazer ou imitar qualquer outra coisa. Se imitarem, que imitem o que lhes convém desde sua infância – coragem, sensatez, pureza, liberdade, e todas as qualidades dessa espécie. Mas a baixaza, não devem praticá-la nem ser capazes de a imitar, nem nenhum dos outros vícios, a fim de que, partindo da imitação, passem ao gozo da realidade. Ou não te apercebeste de que imitações, se se perseverar nela desde a infância, se transformam em hábito e natureza para o corpo, a voz e a inteligência? (A República, 395 c-d).

Do que fica acertado na discussão que também não devem imitar das tragédias e das comédias com relação ao que se refere aos homens: mulheres e

seus humores; escravos e escravas; homens perversos e covardes que troçam uns dos outros e toda espécie de erros, em palavras e ações, contra si mesmos e contra os outros. Também não se devem assemelhar aos loucos e maus em palavras ou atos, porém, devem conhecê-los; artífice a animais também deve ser evitado de os imitarem; há apenas uma maneira de falar e narrar pela qual se exprime o verdadeiro homem de bem. E, reitera:

– O homem que julgo moderado, quando, na sua narrativa chegar à ocasião de contar um dito ou feito de uma pessoa de bem, quererá exprimir-se como se fosse o próprio, e não se envergonhará dessa imitação, sobretudo ao produzir actos de firmeza e bom senso do homem de bem; querê-lo-á em menos coisas e em menor grau, quando essa pessoa tiver tergiversado, devido à doença ou à paixão, ou mesmo à embriaguez ou qualquer outro acidente [...] (A República, 396c-d).

Percebemos, portanto, que a educação que pretendem (os interlocutores) seja destinada às crianças da República, em especial aos guardiões, perpassa toda a análise da poesia, das tragédias e das comédias, auferindo-lhe que as palavras, o ritmo e a melodia devem ser harmônicos para que, ao serem transmitidas, seja capaz de desenvolver uma vida ordenada e corajosa. Por que isso? Em Platão, sabemos, a alma racional deve ordenar e orientar o corpo perecível e tendente aos prazeres terrenos. Como é o caráter que está sendo moldado, as mais indicadas para isso são a dória e a frigia. Logo, a educação pela música é capital para as crianças porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo nos caracteres da alma.

Quanto à ginástica, segue os preceitos da música, pois o corpo só será perfeito, se a alma o for em princípio. Em Platão, a alma comanda o corpo. A ginástica deve ser simples, para proporcionar a saúde do corpo. Para isso, é lícito evitar comidas muito condimentadas, danças, cortesãs, excessos. Compara o efeito da música para a alma e da ginástica para o corpo como os males da má música e da má ginástica. Os excessos da música ruim causam na alma a licença; os da alimentação, a doença para o corpo. O contrário de ambas são a temperança e a saúde, respectivamente. E assim, reitera:

– Por conseguinte, acolá (harmonias e ritmos) a variedade produz a licença, aqui, (corpo) a doença; ao passo que a simplicidade na música gera a temperança na alma, e a ginástica, a saúde no corpo?
– É assim mesmo – respondeu ele (A República, 304e).

A ginástica pode causar na criança grosseria e dureza, e a música, moleza e dureza, daí porque o deve também se exercitar na ginástica. Pois, moderando música e ginástica, se terá uma alma equilibrada e corajosa. E estes preceitos, adverte, devem ser observados em todas as idades.

O efeito primordial de todas estas prescrições será, segundo Platão, que na cidade que estão a fundar, as crianças assim bem educadas, poucos precisarão de juizes ou mesmo médicos, pois tanto o médico quanto o juiz, tratam o corpo por meio da alma e o juiz, a alma pela alma.

3. OS PRIMEIROS PRECEITOS PARA A CRIANÇA NOS LIVROS UM E DOIS DO EMÍLIO

Encontramos no filósofo moderno Jean-Jacques Rousseau uma considerável reflexão, também, acerca da educação da criança, no *Emílio ou Da Educação*, considerado um marco na educação moderna. Não são poucas as referências ao filósofo clássico no pensamento rousseauiano, nem inegável admiração do genebrino pelo autor da *República*.

No *Emílio*, o filósofo propõe argumentar sobre os princípios educativos para a formação do jovem Emílio, personagem fictício que, longe do convívio social, será educado conforme sucessivas etapas de desenvolvimento, que vão da primeira infância até a idade adulta, quando estaria pronto para a vida em sociedade¹⁴, mesmo que marcada, segundo Rousseau, pelos vícios e pela corrupção dos costumes¹⁵. Reiterando que a presente análise se restringe a esboçar as ideias dos dois primeiro livros da obra.

¹⁴ Sobre o que descreve como aspectos da socialização em Rousseau, Gilda Naécia de Barros afirma: "Socializar pode significar, na linguagem de Rousseau, uma forma de degradar, de preservar ou de transformar a natureza do homem. Na primeira hipótese, afastando-o de sua bondade originária, nas duas últimas, conservando-o, ora no meio da ordem – pública degenerada, ora no corpo da sociedade legítima. Em termos normativos, a boa socialização é um processo de desnaturação que não contraria a natureza humana, isto é, a sua essência. Se esta é corrompida, a socialização é má". (BARROS, 1995b, p. 181). Claramente, para o Emílio, destinam-se as duas últimas hipóteses de socialização.

¹⁵ O filósofo acreditou e defendeu que a educação deveria ser revista, possibilitando o resgate desse homem perdido. Por este motivo, o *Emílio* se mostra como possível saída, justificada pelo recurso ideológico da razão, que poderia muito bem ser posta em prática. Assim como este, os discursos escritos por Rousseau integram uma crítica à sociedade negadora da natureza, conforme afirma Jean Starobinski: "Essa sociedade *negadora* da natureza (da ordem natural) não supriu a natureza. Mantém com ela um conflito permanente, de onde nascem os males e os vícios de que sofrem os

No livro I estão organizadas as primeiras ideias a respeito da educação que antecipa a seu destinatário, o Emílio. Trata-se da educação primeira, e parte da educação natural e negativa¹⁶, a que irá substanciar as demais fases. Esta educação compreende os doze primeiros anos do personagem, por isso, a mais detalhada e a que o preceptor deve ter muito cuidado.

Sua primeira afirmativa é a seguinte: “tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 1995, p. 9). Assim também uma criança quanto nasce, a natureza humana presente nela é boa. A perspectiva é apontar que o homem degenera o próprio homem, desde sua primeira infância.

Ao edificar a *República*, Platão adverte que o fará mediante o uso do *logos*, discurso racional. De maneira semelhante, Rousseau afirma que tomou a liberdade de educar uma criança de seu nascer à idade adulta. É uma forma de se utilizar do mesmo recurso do qual o filósofo grego fez. Pois, conforme diz:

Tomei, portanto, o partido de me dar um aluno imaginário, de supor sua idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar na sua educação, conduzi-la desde o momento de seu nascimento até aquele em que, homem feito, não terá mais necessidade de outro guia senão ele próprio (ROUSSEAU, 1995, p. 27).

Vamos encontrar os princípios deste objetivo, nos primeiros contatos da criança com a mãe, o pai, a ama e o preceptor¹⁷. Para isso, a metáfora de comparar a criança a uma planta deixada ao acaso e todos que por ela passem, imprimir-lhe-ia um movimento, assim também a criança sujeita a várias vozes, modos e costumes, correria, também, o sério risco de não obedecer a ninguém. E um adulto seria,

homens. A crítica de Rousseau esboça, portanto, uma ‘negação da negação’: *acusa* a civilização, cuja característica fundamental é sua *negatividade* em relação à natureza. A cultura estabelecida nega a natureza – é essa a afirmação patética dos dois *Discursos* e do *Emílio*. As ‘falsas luzes’ da civilização, longe de iluminar o mundo humano, velam a transparência natural, separam os homens uns dos outros, particularizam interesses, destroem toda possibilidade de confiança recíproca e substituem a comunicação essencial das almas por um comércio fictício e desprovido de sinceridade; assim se constitui uma sociedade em que cada um se isola em seu amor-próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa”. (STAROBINSKI, 1991, p. 35).

¹⁶ “Denomino educação positiva aquela que pretende formar o espírito antes da idade e dar à criança um conhecimento dos deveres do homem. Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos e nos preparar para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, muito ao contrário. Não produz virtudes, mas evita os vícios; não ensina a verdade, mas protege do erro. Ela prepara a criança para tudo o que pode conduzi-la à verdade, quando estiver em condições de entendê-la, e ao bem, quando estiver em condições de amá-lo”. (ROUSSEAU, 2005, p. 57).

¹⁷ Para Rousseau, o melhor preceptor seria o pai e a melhor ama, a mãe. Mas, a opção para conduzir mesmo a educação do pequeno Emílio é o preceptor de nome Jean-Jacques.

assim, a projeção daquilo que é ou pode ser por meio da educação recebida desde pequeno. Sobre isto, afirma enfaticamente:

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação (ROUSSEAU, 1995, p. 10).

Sobre a mãe pesa a responsabilidade de tolher os primeiros vícios que acriança pode apresentar, por exemplo, pelo choro, que é sua primeira relação com o mundo, donde resultaria o que diz:

Assim, suas primeiras ideias são de império ou de servidão. Antes de saber falar ela manda, antes de poder agir, ela obedece; e não raro castigam-na antes que ela possa conhecer seus erros. Ou os cometer. E assim é que se inculcam em seu jovem coração as paixões imputadas a seguir à natureza e que, depois de ter se esforçado por torná-la má, a gente se queixa de descobri-la má (ROUSSEAU, 1995, p. 24).

Esta educação iniciática deve prevenir os erros futuros e evitar que a criança se torne tirânica; possua conhecimentos sem reflexão; memória aguçada; compreensão sem sentido, débil de corpo e de alma, que, ao ter contato com o mundo ou dada a um preceptor, já chega cheia de erros sobre o entendimento de si, da moral, entre outros. Assim diz:

Quereis que conserve a sua forma original? Conservai a partir do instante em que vem ao mundo. Logo ao nascer, apropriai-vos dele, não o largueis antes que seja homem¹⁸: nada conseguireis sem isso. Assim como a verdadeira ama é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai. Que se acordem na ordem de suas funções bem como em seu sistema (ROUSSEAU, 1995, p. 24).

Estes primeiros cuidados são fundamentais na educação da criança. E tudo que envolve seus primeiros dois anos de vida são referentes aos cuidados maternos que não deixam de ser prescrições saídas da pena do autor, para não se deixar que adquira certas manias com, por exemplo, amamentação em excesso, o dormir em horário inadequado, os cuidados com a higiene, a liberdade de

¹⁸ “As idéias de Rousseau acerca do homem e de seu papel na sociedade nunca dispensam uma referência a esse pressuposto: o de um arquétipo – o homem da natureza, originalmente bom. Partindo desse modelo, Rousseau considera o homem vivendo associado e chega ao anti-arquétipo, o homem corrompido em sua natureza. Este corresponde a uma realidade; somos todos nós, criaturas de ontem e de hoje. Mas Rousseau projeta, ainda, uma função – o homem bem socializado, que não trai o arquétipo.” (BARROS, 1995b, p. 182). E o pequeno Emílio representa o arquétipo de homem da natureza e indubitavelmente bom; pelo caminho que traça a ele, demonstra em que momentos tal bondade pode ser dissipada.

movimentos para enrijecer o corpo, o oferecimento demasiado de brinquedos para satisfazer e disfarçar suas vontades, ou seja, a criança deve ser contrariada e deve até sofrer, aprender desde cedo, que sua condição é de dor, de desgostos, de adversidades.

Além do que já foi dito, aquilo que será fundamental para a educação infantil decorre dos três mestres de educação, através dos quais todos seriam educados, segundo o filósofo.

Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens, ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas (ROUSSEAU, 1995, p. 11).

Logo, muitas das prescrições, concentram-se nestes três mestres, os quais o preceptor deverá fazer coincidir para a boa a formação da criança. Seu o mérito consistirá em desenvolver de maneira hierárquica estes mestres na educação do pequeno discípulo. É essa a ordem que deve procurar impor, o hábito que deve fazer adquirir, já que a educação, além de uma arte, é também um hábito¹⁹.

Nesse sentido, é preciso reconhecer na ordem natural do desenvolvimento da criança aquilo que é natural se manifestar e o que não o é, para que isso não venha se transformar em hábitos incontornáveis. Conforme assegura o pensador:

Repito: a educação do homem começa com o seu nascimento; antes de falar, antes de compreender, já ele se instrui. A experiência adianta-se às lições. No momento em que conhece sua ama, já muito se instruiu (ROUSSEAU, 1995, p. 12).

A educação como hábito deve se voltar, em Rousseau, para a permanência dos aspectos que na criança se desenvolvam de forma natural, como, o desenvolvimento dos órgãos de seu corpo; o ser e o sentir que precedem à razão intelectual, e estimulam o conhecimento da criança por meio das coisas e sem

¹⁹ O termo hábito quando se refere à educação no *Emílio*, soa contraditório, uma vez que Rousseau afirma que o único hábito que se deve evitar à criança é o de não adquirir nenhum. Ao mesmo tempo em que a caracteriza também, como um hábito.

intermédio. Tudo deve ser feito e pensado para que permaneça em si e se entenda como se só dependesse de si mesma para sua conservação²⁰.

Da educação positiva, fazem parte: a escola convencional; fábulas, livros, contato com grupos sociais, cuja finalidade é o desenvolvimento precoce da racionalidade da criança. A educação negativa possui, dentre outros propósitos, o de aperfeiçoar os sentidos, inicialmente, pelos quais se adquire saber e conhecimento e não estes a se sobrepor àqueles. Direcionadas pelo preceptor, as lições devem ser tomadas da experiência sensível, do conhecimento de si, da capacidade do indivíduo e seus limites como pessoa; devem-lhe ser ditas palavras claras, simples e de fácil compreensão; juízos de valor moral não convém antecipá-los, mas, construídos à medida de seu crescimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta breve análise, percebe-se, por conseguinte, , que os filósofos, Platão e Rousseau, voltam seu pensamento filosófico também e essencialmente para os cuidados que se deve ter com a educação da criança antes da idade da razão²¹. Trata-se dos cuidados com aquilo que deve compor as orientações educativas para os primeiros anos de vida da criança arquetípica.

Platão objetiva com isso a formação do rei-filósofo oriundo da classe dos guardiões, valendo-se do método dialético, tendo suas ideias assentadas no mundo inteligível, por isso, caracterizado pelo uso do *logos* racional. Rousseau, por sua vez, objetiva a formação de uma criança em paralelo com uma criança real, empírica. E, embora parta da empiria, tudo que é pensado para esta formação é elaborada de maneira racional, apontando o que o preceptor deve evitar até que se forme um cidadão cosmopolita. Mesmo as qualidades de caráter do Emílio pouco diferem das

²⁰ Segundo a análise de Danilo Streck, “mais importante do que analisar e detalhar as ‘matérias’ a serem ensinadas é observar e estudar as crianças. Vamos encontrá-lo estudando os tipos de choro, observando suas brincadeiras, sua linguagem ou os modos de raciocínio em diferentes fases de seu crescimento. Inicia-se com Rousseau o estudo sistemático da infância como parte do estudo do homem, e várias correntes psicológicas e sociológicas modernas podem reclamá-lo como seu precursor”. (STRECK, 2004, p. 28).

²¹ “A partir de uma observação atenta da criança, Rousseau julga ter avançado em sua investigação sobre o homem. Ele rejeita a idéia de que a criança seja um adulto em miniatura e distingue etapas de desenvolvimento lógico e psicológico do ser humano introduzindo o conceito de maturação em sua teoria educacional.” (BARROS, 1995b, p. 175-176).

do rei-filósofo da *República* de Platão, pelos muitos motivos que os dois filósofos estão em acordo.

Qual seria o real motivo, quando se faz a leitura das obras em questão destes filósofos? Na criança está toda a possibilidade do vir a ser, vir a ser um homem de bem, um governante, um cidadão. Estando a formar o rei-filósofo, Platão fala da educação para o homem; estando a falar sobre a educação de uma criança específica, Rousseau fala da educação do homem. E nenhum começa por falar de um homem adulto, mas o toma sempre na fase mais primordial da vida humana, a infância.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Gilda N. Maciel de. Jogo, brincadeira e educação – o paradoxo platônico. In: **Platão, Rousseau e o Estado Total**. São Paulo: T. A Queiroz, 1995a.

_____. Emílio: o solidário solitário? In: **Platão, Rousseau e o Estado Total**. São Paulo: T. A Queiroz, 1995b.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. 5ª. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Sérgio Milliet, 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.

_____. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral**. Organização e apresentação: José Oscar de A. Marques. Tradução: Oscar de A. Marques, et. al. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo – seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. Cap. 2. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

STRECK, Danilo R. **Rousseau e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.